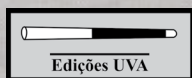


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328

Renato Parente - Sobral - CE

(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222

sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado

Carlos Augusto P. dos Santos

Isorlanda Caracristi

Nilson Almino de Freitas

Regina Celi Fonseca Raick

Telma Bessa Sales

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Reitor

Fabiano Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)

Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo

Ana Iris Tomás Vasconcelos

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Claudia Goulart de Abreu

Eneas Rei Leite

Francisco Helder Almeida Rodrigues

Israel Rocha Brandão

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Maria Adeline Monteiro da Silva

Maria Amélia Carneiro Bezerra

Maria José Araújo Souza

Maria Somália Sales Viana

Maristela Inês Osawa Vasconcelos

Raquel Oliveira dos Santos Fontinele

Renata Albuquerque Lima

Simone Ferreira Diniz

Tito Barros Leal de Ponte Medeiros

Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8

ISBN: 978-85-9539-035-5

DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.

I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groaírense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaronni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História.

À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíamos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos espacialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960- 2000)

Adelina Lopes Guimarães¹

Como tudo começou...

A história dos engenhos é tão antiga quanto a história do Brasil; a princípio, surgiram os engenhos açucareiros como uma consequência da grande produção de açúcar na Europa, que desencadeou a falta de território propício para a matéria prima desta produção, a cana de açúcar.

A recém-nascida colônia de Portugal, o Brasil, foi a grande receptora dessa planta; seu solo era adequado para a produção e, portanto, fez morada na parte litorânea, principalmente no que depois veio se chamar de Nordeste, mesmo que outrora essa colonização não representasse tanta urgência ou importância.

As primeiras mudas dessa “planta perene da família das gramíneas, originária da costa da Índia, [...] introduzida entre nós desde a chegada dos europeus” e “[...] considerada uma das ‘excelências do Brasil’ [...]”², foram trazidas por Martim Affonso de Souza em 1532, iniciando seu cultivo na Capitania de São Vicente, levando a construção do primeiro engenho em terras brasileiras, chamado de Governador e depois São Jorge dos Erasmos.

Depois do plantio e adaptação dessa planta, ela efetivou-se no Nordeste, sendo especificamente nas capitanias de Pernambuco e Bahia que os engenhos açucareiros se multiplicaram e conseguiram gerar grande produção, pois todos os ventos sopravam a favor dessas primeiras indústrias que o Brasil conheceu.

Após esse momento, os engenhos passaram a representar uma atividade que dependia de muitos trabalhadores, para plantar, limpar, colher, transportar a cana até os engenhos, moer, acondicionar e levar até o mar. Esse trabalho era executado por escravos. Trabalhavam exaustivamente durante todo o dia não sobrando tempo para mais nada, a não ser a produção de açúcar, e para além do trabalho no engenho, se dedicavam a outras ativida-

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: adelina.lopezz@gmail.com

² PRIORE, Mary Del. *Histórias da gente brasileira*: volume I. São Paulo: Le Ya, 2016, p. 65.

des extras, como a lavoura, também a mando do senhor de engenho. Eram verdadeiras máquinas humanas, comandadas por um ser superior, o Senhor de Engenho, figura essa “[...] a que muitos aspiram, porque traz consigo, o ser servido, obedecido e respeitado de muitos”³. Existia ainda aquele que era o braço direito do senhor de engenho, responsável por supervisionar todo o trabalho, recebendo o nome de feitor.

Percebemos então que se formara uma verdadeira hierarquia dentro desses ambientes. Não só entre os indivíduos, mas também o local onde cada um residia. Os escravos ficavam nas senzalas, já os senhores de engenhos moravam na Casa Grande.

Para além desses dois edifícios, também existia a fábrica e a capela, todo esse conjunto formava o engenho, podendo haver diferenciações sobre o que seria o engenho, como por exemplo,

[...] no nordeste do Brasil, a palavra engenho é usada para identificar todo o conjunto agrícola, inclusive a plantação, enquanto que em outras regiões a palavra é usada apenas para designar a fábrica (a edificação onde acontece a fabricação do açúcar ou rapadura)⁴.

96 | O advento das transformações nos engenhos de açúcar

Todo o trabalho no engenho exigia dos trabalhadores muita força, o cotidiano nesses ambientes era marcado por exaustão, homens e mulheres deveriam se manter em constante atividade, as mulheres levavam as canas e as moíam, os homens também faziam esse e outros trabalhos, como por exemplo, na lavoura, no armazenamento e transporte do açúcar etc.

Mas, para que tudo isso acontecesse, além da força humana outras forças eram utilizadas, como, por exemplo, a força animal e das águas, para mover as moendas que processavam a cana a fim de extrair o caldo indispensável para a produção do açúcar. Uma transformação, portanto, surge, tendo em vista o funcionamento com mais rapidez, gerando mais produção. A força humana passa a ser substituída pela força das águas e dos animais e os engenhos dão mais um passo em suas transformações.

Partindo para o período republicano no Nordeste, percebe-se que medidas importantes foram adotadas nesses ambientes fundamentais para a

³ SANDRE, Sandra. *Cachaça Patrimônio Brasileiro*. 2004. 162F. Monografia (especialização em Gastronomia) - Curso de Gastronomia, Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Brasília, 2004, p. 03.

⁴ ANDRADE (2008, p. 6-7) *Apud* FERREIRA; MOURA FILHA, 2012, p. 2). *Proteção do patrimônio rural no Brasil*: Os engenhos de cachaça e rapadura de Areia/PB. Disponível em: http://www.lppm.com.br/sites/default/files/livros/artigo_II%20col%C3%B3quio_paisagem%20cultural2.pdf Acesso em: 17 jul. 2018.

economia brasileira. Anteriormente, os engenhos não tinham um padrão para suas construções, e somente no século XIX, por meio de um plano geral criado por Vauthier, “todos os edifícios se distribuem pelo terreno de modo a limitar, de forma descontínua, um pátio interno retangular”⁵.

Posteriormente, seria a vez das construções que compunham esses engenhos sofrerem algumas alterações, principalmente a casa do senhor de engenho, referente à sua disposição em relação à capela e à fábrica, formando um edifício sucessivo, “de um lado a casa-grande, no meio à capela, estas em um mesmo nível de piso, e do outro lado a fábrica, em um patamar mais baixo”⁶.

Mais tarde, com a concorrência do açúcar produzido na América Central pelos holandeses e do açúcar de beterraba na Europa, algo deveria ser feito para reverter a situação, como a mudança das técnicas rudimentares de produção. É então que passam a ser implantados os engenhos centrais, que segundo Pires e Gomes (1994) eram caracterizados por verdadeiros mecanismos industriais. Entretanto, muitos senhores de engenho não conseguiram adaptar-se a esse sistema e passaram apenas a fornecer a cana de açúcar, outros fecharam seus engenhos.

Logo depois, os engenhos passam por mais uma transformação, agora eles iriam passar de engenhos centrais para usinas, onde dessa forma os subprodutos dessa produção como o melaço, rapadura e a cachaça passariam a ser produzidos de forma independente, mas conservando a forma rústica de fabricação.

|97

Modernização dos engenhos de cachaça em Alcântaras

Cidadezinha pequena localizada no norte do estado do Ceará, cercada pelo verde das plantas dos serrotes, como a jurema, camunzé, jatobá, barriguda, cajueiros, pau-d'arco, capim-gordura, umburana... durante o período chuvoso, dando espaço aos tons amarelados da mudança de estação proporcionados pelo sol do verão que percorre toda a extensão da serra onde está localizada.

Formada por pessoas simples, em sua maioria originária do campo, que sobreviviam daquilo que produziam com as próprias mãos, em suas casas de taipa viviam sem reclamar da vida que o destino reservou, sem luz, nem água encanada, muito menos tecnologia, desfrutavam do que havia de mais belo e sem cobranças, o íntimo contato com a natureza.

Aos poucos iam se estabelecendo mais famílias nesse lugarejo, cada vez mais se viam as chaminés dos fogões à lenha remodelarem o céu com as

⁵ PIRES, Fernando Tasso Fragoso; GOMES, Geraldo. A arquitetura dos engenhos. In: *Antigos engenhos de açúcar no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 34.

⁶ *Idem*.

nuvens de sua fumaça, e o espetáculo do crescimento da cidade se fazia constante, logo logo ela se transformaria de forma lenta, mas com muita beleza. Esse era basicamente o cenário da cidade de Alcântaras ao começar sua ocupação, e com a chegada de novas famílias, aos poucos ela crescia, acarretando nas transformações e consequentemente a modernização.

A modernização aliada ao progresso percorre o Ceará chegando em tempos variados em cada região do estado, ou seja, não aconteceram do mesmo modo nem no mesmo período. Sendo que “o advento da república foi propagado como a reordenação político-institucional capaz de redimir o Brasil do atraso em que esteve submerso pelo “provincianismo” [...]”⁷.

Na cidade de Alcântaras, a chegada dessa modernidade será analisada através das transformações ocorridas nos ambientes de trabalho, especificamente nos engenhos de fabricação de cachaça Serrana. Com seus caules resistentes, apresentando diversos nós, com folhas compridas, largas e sedosas, suas flores pequenas formando um pendão, tornam a paisagem ainda mais bonita com o contraste entre o verde das folhas e o rosado das flores. Será essa planta a responsável por uma transformação na paisagem da cidade, como bem conta Diogo (2016):

Outra mudança significativa aconteceu às margens onde corre as águas do riacho Pau Ferrado, sendo derrubada a vegetação nativa, conservando apenas algumas touceiras de bananeiras, e plantando os primeiros talos da cana. [...]”⁸.

Por meio do fragmento acima, também se constata que através da presença da cana outro estabelecimento surge, os engenhos, responsáveis por produzirem rapadura e cachaça, gerando assim renda para aqueles que passavam dias na labuta dessa fabricação que não se restringiam somente no produzir a famosa cachaça serrana ou a rapadura.

Esses engenhos foram passados de geração em geração, como bem relata Sr. Mauriene, ao falar sobre origem do engenho situado próximo ao riacho do Pau Ferrado, expondo que “é porque era tradição. Desde o pai dele que tinha o engenho, né, aí ele continuou [...]”⁹. A princípio era movimentado à tração animal, bem como os outros engenhos na cidade e dos sítios pertencentes ao município.

Como esses engenhos chegaram ao município, não se sabe, pois não apresentavam nenhuma documentação referente à construção e funciona-

⁷ SOUZA, Simone de. Uma nova História do Ceará. 4. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 179.

⁸ DIOGO, Bertoni Vasconcelos. *Alcântaras III Séculos de História*. 1. Ed. Alcântaras- CE: Edição do Autor, 2016, p. 257.

⁹ Francisco Mauriene Alcântara, 67 anos, agricultor aposentado e antigo trabalhador de engenho. Entrevista realizada pela autora em 04 de agosto de 2018. Alcântaras-CE.

mento desses espaços de fabricação de cachaça, assim como as casas de farinha, que também sofreram transformações ao longo do tempo, havendo a ausência de documentação.

Por meio dos relatos de experiência utilizados como fonte para essa produção e do esquecimento que está sujeito a acontecer, como diz Verena Alberti, “a história, como toda atividade do pensamento humano, opera por descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou”¹⁰, portanto, afirmar quando e quem os introduziu pela primeira vez torna-se quase improvável.

Todavia, será através da oralidade, ou seja, através do “uso da voz humana, viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata”¹¹ que as transformações ocorridas nessas primeiras fábricas serão rememoradas.

Segundo outro trabalhador e dono de engenho, ao relembrar sobre a forma de movimentação do engenho de sua família relata que “esse engenho era puxado a boi. Passou-se muitos anos sendo puxado a boi, né, como também tinha nos outros vizinhos que tinha. O seu Virgílio que era bem na frente [...]”. No decorrer do seu relato, o narrador aponta o sofrimento que eram os engenhos puxados a boi: “Antigamente era muito sacrificoso besta, tinha que colocar boi, você tinha que amansar o boi, o boi ninguém comprava não, era da criação da gente [...]”¹².

| 99

Vale ressaltar que no período de criação desses engenhos ainda não existia energia elétrica em Alcântaras e, por isso, a utilização de animais para moverem o engenho. Outros já podiam desfrutar dessa novidade, mas as condições de modificar a fábrica muitas vezes não os permitiam tal serviço. À medida que a cidade crescia, as transformações modificavam o cenário daquele lugarejo de uma beleza natural, como por exemplo, quando as árvores secas e sem folhas no período do verão pareciam estar mortas, ao serem tocados com apenas algumas gotas d’água das chuvas que anunciavam o inverno, são capazes de transformar aquilo que parecia estar morto em vida.

O trabalho iria muito além do que colocar a cana depois de limpa na moenda, a fim de a esmagarem e extraírem um caldo de cor esverdeada e doce e depois destinar tal produto para a fase seguinte. O trabalhador “fazia de tudo, desde o plantio de cana, tudo, até chegar à cachaça. Olha, eu plantava cana, capinava, eu levava gado pro sertão, eu ia buscar, e no verão nós na cachaça aqui direto e lutando com gado e fazendo cachaça”¹³.

¹⁰ ALBERT, Verena. *Ouvir contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004, p. 13.

¹¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992, p. 41.

¹² Raimundo Waldemar Ximenes (conhecido também como Mazim), 78 anos, funcionário público aposentado e antigo trabalhador de engenho. Entrevista realizada pela autora em dia 18 de julho de 2018. Alcântaras-CE.

¹³ Francisco Mauriene Alcântara. Entrevista já citada.

Outra significativa transformação estava relacionada ao maquinário dos engenhos; os mais recentes são de ferro, mas, em tempos anteriores, eram de outro material, como evidencia o Sr. Mauriene: “de primeiro tinha era a madeira, engenho de madeira, ali na finada Dora tinha um que essas peças eram feitas de madeira, esse era que era antigo mesmo que as moendas eram de pau”¹⁴.

Outra modificação estava relacionada à disposição desse maquinário, voltando novamente para os engenhos mais recentes, suas moendas de ferro são dispostas na horizontal, já os que já eram de ferro podiam ser dispostos de outra forma. Ainda utilizando a fala do Sr. Mauriene “antigo mesmo, antigo mesmo era aquele dali que as moendas eram em pé [...]”¹⁵.

Com o passar do tempo, a construção de novas casas, a capela, o mercado, os engenhos mudavam o cenário da cidade, trazendo vida onde outrora mais parecia um deserto. Mas essas transformações não cessavam e, “no ano de 1947 as ruas de Alcântaras são iluminadas com energia elétrica, tendo o auxílio de um gerador”¹⁶. Essa novidade não iria trazer um ar novo somente para a cidade em si, mas também para os engenhos.

100 | Os engenhos, como visto anteriormente, eram movidos por bois, a produção era bem limitada devido essa energia utilizada, e com a presença da energia elétrica seria possível melhorar a produção que teria melhores condições para fabricar a cachaça, além de aliviar o sofrimento daqueles que trabalhavam nestes engenhos.

Ainda sobre este fato, na fala dos trabalhadores entrevistados percebe-se essa transição da força usada para mover os engenhos, onde a modernidade faz parte de seus discursos, como veremos na fala do Sr. Mazim ao relatar sobre como era movido o engenho de sua família.

O engenho era logo ali do lado da casa de farinha, os bois ficavam rodando, porque a produção do caldo de cana era bem devagarzinho puxada a boi, tanto o do papai como o do seu Virgílio, como do seu Gregório, depois foi que veio essa modernização [...]. Os engenhos eram movidos a bois, depois foi motorizado, meu era a óleo diesel e dos outros eram elétricos [...]”¹⁷.

A presença da energia elétrica em âmbito nacional estava associada às questões de modificação e modernização das cidades, bem característico do período republicano, assim, “transportes, eletrificação e indústrias químicas

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ *Id. Ibidem.*

¹⁶ DIOGO, Bertoni Vasconcelos, *Op. cit.*, p. 169.

¹⁷ Raimundo Waldemar Ximenes (conhecido também como Mazim). Entrevista já citada.

transformavam a sociedade”¹⁸. Portanto, a modernidade surge com o advento da eletricidade, trazendo elementos de modernização, como a presença de novas tecnologias nos engenhos da cidade de Alcântaras.

Com a chegada da energia os engenhos produziam uma grande quantidade de cachaça, como relatam os trabalhadores, além de ser um bom investimento para se obter dinheiro. Por meio da fala de um dos entrevistados, o Sr. Francisco Ximenes, podemos perceber o que fora dito anteriormente, quando ele narra que “é muito bom uma fábrica pra se apurar dinheiro, era muito bom, tinha dia que eu fazia mais de 200 litros de cachaça”¹⁹.

Parcialmente, essa modernidade que deu vida nova aos engenhos foi a mesma que causou sua decadência, com a produção da cachaça industrializada ligada a grandes marcas comerciais, além dos períodos de seca característicos da região. Com estes fatores, a cachaça Serrana, de fabricação artesanal, deixou de ser produzida e vendida em grande quantidade no comércio interno, pois todo seu processo de produção, por contar com técnicas rústicas, acarretava no encarecimento da bebida.

Apesar do contexto de escassez na produção da cachaça Serrana, isso não foi capaz de retirar desta bebida seu prestígio em relação à qualidade, pois ela, culturalmente, adquiriu uma identidade, mesmo que não ultrapassasse os limites do município, como acontece com as grandes indústrias que atin- |101
gem outras regiões com seus produtos.

Fazendo uso da oralidade e das experiências de antigos trabalhadores dessa cidade, que durante as entrevistas iam tecendo os fios da memória e relembrando momentos importantes naqueles ambientes, percebemos o quanto os espaços dos engenhos, mesmo apresentando técnicas rústicas se modernizaram, como podemos exemplificar, nas grandes empresas produtoras de cachaça. Apesar dos engenhos artesanais da cidade de Alcântaras não se encontrarem em funcionamento, as memórias de momentos vividos nestes espaços do trabalho permanecem vivas nas lembranças desses trabalhadores e da população, que vivenciaram esta experiência.

Fontes orais

Raimundo Waldemar Ximenes (conhecido também como Mazim), 78 anos, funcionário público aposentado, e antigo trabalhador de engenho. Entrevista realizada pela autora em dia 18 de julho de 2018, em sua residência na cidade de Alcântaras-CE.

¹⁸ PRIORE, Mary Del, *Op. cit.*, p. 219.

¹⁹ Francisco Ximenes Guimarães, 82 anos, agricultor aposentado, e antigo trabalhador de engenho. Entrevista realizada pela autora em 29 de maio de 2017. Alcântaras-CE.

Francisco Ximenes Guimarães, 82 anos, agricultor aposentado, e antigo trabalhador de engenho. Entrevista realizada pela autora em 29 de maio de 2017, em sua residência no Sítio Bom-Fim pertencente ao município de Alcântaras-CE.

Francisco Mauriene Alcântara, 67 anos, agricultor aposentado e antigo trabalhador de engenho. Entrevista realizada pela autora em 04 de agosto de 2018, no engenho pertencente ao Sr. Quinca Gregório na cidade de Alcântaras-CE.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355